



## LITERATURA E MEMÓRIA

### LITERATURE AND MEMORY

**RESUMO:** A Scripta alumni v. 24, n. 1 apresenta o dossiê intitulado Literatura e memória. Para desenvolver esse tema, quatro seções da revista apresentam doze trabalhos, os quais oferecem diferentes perspectivas e abordagens. Neste número, as discussões abrangem: 1) as relações da literatura com a filosofia e a política; 2) as influências do tempo e do contexto histórico; 3) as identidades; e 4) os aspectos espaciais, geográficos e arquitetônicos.

**Palavras-chave:** Literatura. Memória. História. Identidade. Espaço.

**ABSTRACT:** Scripta alumni v. 24, n. 1 presents the dossier entitled Literature and memory. To develop this theme, four sections of the journal present twelve works, which offer different perspectives and approaches. In this issue, the discussions cover: 1) the relationships of literature with philosophy and politics; 2) the influences of time and historical context; 3) the identities; and 4) the spatial, geographical and architectural aspects.

**Keywords:** Literature. Memory. History. Identity. Space.

**Acesse esta Apresentação pelo QR code:**



Apesar do caráter ficcional, a literatura, assim como outras artes e como outros meios de comunicação, auxilia na construção da memória social, quando desempenha seus papéis mediador e testemunhal. Entretanto, o testemunho, nesse caso, não privilegia o empirismo ou as experiências do autor. Em vez disso, o texto literário refrata um testemunho individual, que é formado na sociedade e que carrega as marcas de uma época. "Os meios de comunicação não são os únicos, mas são, hoje, um dos principais atores na realização do trabalho de enquadramento sobre o passado das coletividades. É através deles que se realiza a operação da



memória (...)" (RIBEIRO; BRASILIENSE, 2006, p. 4)<sup>1</sup>. Sendo assim, quando o assunto é memória, o escritor, assim como o jornalista e o historiador, atua como "mediador entre o fato e o leitor (...), não só enquadrando os fatos, mas reconstruindo valores e identidades no controle da realidade" (p. 4).

Sem dúvida, o *status* privilegiado do texto literário serve de chancela para o testemunho que ele apresenta. Isso ocorre por causa da natureza dessa arte, pois, conforme Terry Eagleton: "Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou 'imaginativa', mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. (...). A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana" (EAGLETON, 1997, p. 2, ênfase no original)<sup>2</sup>. Exatamente por isso, a literatura garante sua presença junto ao senso comum e ao *establishment* e, nesse contexto, passa a ser mais uma importante contribuição no processo formativo da identidade mnemônica, afinal "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, (...)" (HALBWACHS, 1990, p. 51)<sup>3</sup>. A afirmação de Halbwachs corrobora estas considerações de Ernest Fischer, a respeito do artista e de seu veio criativo:

(...) representante e porta-voz da sociedade. Dele não se espera que importune o público com sua vida privada, seus assuntos particulares; sua personalidade é irrelevante e ele é julgado apenas por sua habilidade em fazer-se o eco e o reflexo da experiência comum, dos grandes eventos e das ideias do seu povo, da sua classe e do seu tempo. (FISCHER, 1987, p. 52)<sup>4</sup>

Portanto, na arte literária, a memória individual do artista é transformada, por meio da ficção, mas, ainda assim, não deixa de ser social, em sua essência:

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. (...). Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

<sup>1</sup> RIBEIRO, A. P.; BRASILIENSE, D. R. "A matança dos inocentes": questões de memória e narrativa jornalística. *UNirevista*, v. 1, n. 3, São Leopoldo, 2006, p. 1-12.

<sup>2</sup> EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>3</sup> HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>4</sup> FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

Partindo dessas reflexões, o volume 24, número 1 da revista *Scripta alumni* publica trabalhos que refletem sobre as seguintes questões: 1) as relações da literatura com a filosofia e a política; 2) as influências do tempo e do contexto histórico; 3) as identidades; e 4) os aspectos espaciais, geográficos e arquitetônicos. Para atender a essa diversidade de assuntos relacionados a este dossiê temático, esta edição distribui doze trabalhos em quatro seções:

- *Filosofia, política e literatura.*
- *Tempo e memória.*
- *Identidades.*
- *Espaço-símbolo, espaço-tempo.*

Na parte intitulada *Filosofia, política e literatura*, são apresentados dois artigos. Em *Literatura como memória: os perdedores da história em "Vidas secas", de Graciliano Ramos*, a arte literária é tratada como instrumento capaz de dar poder e voz àqueles que são silenciados. Relacionando a narrativa ao contexto histórico, a autora desse trabalho associa o silenciamento à hegemonia, usando como base, principalmente, os estudos de Walter Benjamin. Sob o título "*É isto um homem?*" de Primo Levi: *a história e a memória entre ruínas e redenção*, o segundo artigo dessa seção discute a importância da narrativa testemunhal para a memória coletiva. A análise, que faz uso dos pressupostos de Giorgio Agamben, reflete sobre a autobiografia e sobre o entrelaçamento do presente com o passado, a fim de enfatizar o processo de revisita ou reconstrução.

Na segunda seção, denominada *Tempo e memória*, foram reunidos três trabalhos. O primeiro artigo é "*Os que bebem como os cães*" (1975), de Assis Brasil, *diante da defesa dos direitos humanos no século XXI*. Explorando a relação da literatura com a História, os autores propõem considerar a arte literária não apenas como registro, mas também como meio de denúncia, por sua função desalienante e conscientizadora. Com base nos postulados do crítico Antonio Candido, o trabalho focaliza as ditaduras, de modo a completar as lacunas da história oficial e, conseqüentemente, da memória coletiva. Intitulado *Literatura e história no texto dramático "Que farei com este livro?"*, de José Saramago, o segundo artigo ressalta o modo como o autor da peça analisada faz uso da arte literária para desmistificar e reconstruir alguns dos principais vultos e eventos da história portuguesa. O último trabalho da seção, "*O delfim*" e *o novo romance histórico português*, contempla o pós-moderno, demonstrando a importância da obra de José Cardoso Pires como resposta e combate à ditadura.

Outros cinco trabalhos são apresentados na terceira seção, a qual recebeu o nome *Identidades*. Em *Um estudo comparativo das manifestações*

da empatia na obra "Call me by your name", é feita a análise intersemiótica do livro de André Aciman e do filme dirigido por Luca Guadagnino. Nessa relação, além da empatia e dos conceitos concernentes à adaptação, são discutidas as questões de memória e identidades. No artigo *Trajatórias identitárias, memória e trauma nos romances "Breath, eyes, memory" e "The scorpion's claw"*, focalizam-se personagens femininas — diaspóricas e vítimas de traumas sexuais. Com base nesse contexto, a memória é considerada um instrumento de reavaliação: dos eventos traumáticos e do passado, implicando uma completa reconfiguração. O trabalho intitulado *Do teatro de resistência ao biodrama: a criação de um gênero teatral na América Latina* demonstra a intrínseca associação entre memória individual, memória coletiva e História. A partir dos aspectos testemunhal e empirista, os autores discutem como o teatro é capaz de resgatar a violência decorrente dos períodos ditatoriais e de conflitos bélicos, a fim de conscientizar o público, oferecendo um novo viés sobre o passado. Também entrelaçando os tempos presente e passado, o artigo "Uma vez" e "O menino do pijama listrado": uma análise do protagonismo infantil ante o dever de memória estuda a memória traumática e o testemunho como meios de transformação. Dessa forma, acentuam-se a alteridade e o coletivo, já que a lembrança de um é capaz de redefinir o caminho de muitos. Encerrando a seção, o estudo *Memória, esquecimento e silêncio: uma leitura de "A máquina de fazer espanhóis"*, com base nos postulados de Márcio Seligmann-Silva e Michael Pollak, trata da literatura como modo de ressignificação da realidade e da História. Nesse processo, acentua-se o valor da memória, na tentativa de realçar o que estava esquecido ou inerte.

Por fim, a parte intitulada *Espaço-símbolo, espaço-tempo* abrange dois artigos. O primeiro deles — "Vila de utopia": (re)erguida pela memória — analisa a crônica drummondiana, enfatizando os processos efrástico e mnemônico usados pelo eu lírico, com o intuito de representar a cidade real de Itabira, na obra literária. Com o título *História e memória em "Terra sonâmbula"*, de Mia Couto, o artigo que fecha nossa última seção e também esta edição da revista reflete sobre questões do pós-colonialismo, destacando a espacialidade e a interculturalidade de uma zona de guerra. Nesse contexto, duas narrativas entrelaçam-se e se completam, reavivando conflitos, mitos e lembranças.

Desejo uma leitura produtiva a todos e espero que os artigos que fazem parte deste dossiê temático auxiliem no processo de revisão e reconstrução de nossas memórias e de nossas histórias.

Curitiba, 4 de julho de 2021.

Verônica Daniel Kobs<sup>5</sup>  
 Editora

---

<sup>5</sup> Editora da Revista *Scripta alumni*. Professora dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba-PR, Brasil.

